

Reconexão Ancestral

por Felipe Fernandes

Como ponto de partida e referência, à luz do meu entendimento e inspirado pela introdução editorial, escrita por Victor Rebelo, na Revista “Caminho Espiritual” Edição 29, o Xamanismo é um tema vasto e um universo rico formado pelo conjunto de crenças religiosas e práticas primitivas da humanidade - primitiva no sentido de tempo primordial, numa época que escapa aos nossos registros históricos. Indígenas do Brasil, América do Norte, povos andinos, celtas, do Himalaia, africanos, esquimós, entre outros, certamente tiveram em suas origens práticas Xamânicas. Entendo o Xamanismo como a sabedoria e os rituais dos povos nativos que, honrando a Mãe-Terra, buscavam e ainda buscam a reconexão da alma com o Grande Mistério, sempre entrelaçando seus interesses de cura e transcendência em um sentido amplo.

Hoje, essas sabedorias que nos remetem às nossas origens estão em processo de retomada pelos chamados “Xamãs Urbanos” - lideranças comunitárias em agrupamentos e reservas indígenas, curadores, pesquisadores espiritualistas, acadêmicos e estudantes das mais variadas artes. Eu mesmo, enquanto aluno do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, transformei minha vivência em pesquisa acadêmica, intitulada “Casa de Sananga: Contos e Chá”, apresentando uma grande malha de reconexão ancestral pessoal em diálogo com a academia, visando, entre outras coisas, a preservação dos povos originários no futuro.

Chego aqui trazendo uma experiência potente, em contexto de intensificação indígena, realizada pela Cacique Lutana, moradora do Parque das Tribos no bairro Tarumã Açú, em Manaus - Amazonas. Suas palavras transcenderam minha alma e me fizeram retomar minha identidade

¹ Artista Multimídia da Casa de Sananga. Instagram: @casa_de_sananga
E-mail: felipefernandes.arte2@gmail.com / casa.sananga@gmail.com

indígena com a etnia Sateré Mawé. Anteriormente, identificava-me com diversas expressões de gênero do mundo **LGBTQQICAAPF2K+** (nova sigla) e com o mundo pop, negando meus traços indígenas. Hoje, enquanto gênero sexual me considero FLUÍDO, não-binário, mas gosto do meu próprio termo, que melhor me descreve, **SOU COSMOSEXUAL!**

No meu nicho profissional sempre fui autodidata em várias linguagens artísticas, como teatro, dança, audiovisual, artes visuais e expressões de moda inspiradas nos povos originários da Amazônia. Essas práticas, por intuição e habilidade, me ajudaram rapidamente a reconhecer e despertar dessa “Matrix espiritual” que me fazia negar quem sou. Em determinado momento, submeti-me diretamente ao Xamanismo através das medicinas da Floresta, como o chá de ayahuasca e o colírio Sananga, mergulhando em autoconhecimento para compreender o Sagrado Feminino e o Sagrado Masculino que habitam este corpo. Surpreendentemente, descobri não apenas dois espíritos, como Tibira (o primeiro caso de homofobia no Brasil), mas também espíritos de animais de poder em uma ampla cosmologia e sabedoria da floresta.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará!”, disse a bíblia. O que ela não disse é que saber a verdade pode te desestabilizar, fazer perder o chão e te causar dores terríveis de um reset mental. Um tanto quanto esquizofrênico, como o Chapeleiro Maluco de Lewis Carroll! E após conhecer os infernos de Dante, o céu pode ser inevitável. Exú também pode ser o caminho, a verdade e a vida, e ninguém vai a lugar nenhum senão por ele. Há muitos nomes para todo esse processo, pelo menos 7 caminhos segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que na cabeça mediúnica do senhor Zélio Fernandino de Moraes deu origem ao culto da Umbanda no Brasil. Mas isso é outro assunto paralelo e bem mais profundo, e poucos estão preparados para isso. Então, é melhor retornar ao tema inicial.

Entendo também que, em tempos tumultuados e modernos, a tecnologia, mesmo com toda a sua evolução científica e midiática, não consegue conservar o bem-estar da alma, do corpo, da

mente e do espírito. Por isso, a Casa de Sananga abraça esse mesmo aparato tecnológico e suas ferramentas, utilizando-as como um laboratório onde posso ilustrar minhas vivências e pensamentos. Chegou o fim do Papiro e isso deu lugar ao bloco de notas digital, armazenado na nuvem, onde posso acessar meus escritos e pensamentos de qualquer lugar do mundo. Isso amplia e possibilita uma nova forma de registrar as sabedorias dos povos contemporâneos.

Mesmo em tempos modernos, continuo acessando as sabedorias milenares de meus ancestrais e agora as registro nas nuvens digitais, para que não se percam em papéis feitos com árvores que deveriam ser preservadas pela sociedade colonial e consumidora. Seguimos com fé, banhos, rezas e invocando muito glamour do vale da vida. Para continuação desse diálogo, o autor convida as pessoas interessadas a entrar em contato e que, se possível, divulguem seu trabalho. Por último, a fim de reforçar essa narrativa e de afirmar a existência dos povos originários da Amazônia, a foto a seguir mostra o artista Sateré Mawé com Lutana, a cacique geral do Parque das Tribos, em Manaus.



